

## O cinema português durante a Primeira Guerra Mundial

Ana Paula ALMEIDA<sup>1</sup>

Mestre em Arte e Património

Professora do Quadro de Escola, Câmara de Lobos, Madeira-Portugal

[anaptalmeida@gmail.com](mailto:anaptalmeida@gmail.com)

**Resumo:** A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi um palco privilegiado para experienciar o poder da propaganda em contexto de guerra. Os diferentes Estados intervenientes na Grande Guerra depressa perceberam a importância da propaganda, usando cartazes como meio de justificação do seu envolvimento no Conflito, no recrutamento de homens e forma de sustentar a campanha militar. A propaganda servia para convencer a opinião pública da necessidade da Guerra, uma vez que se tratava de uma luta pela liberdade.

O objetivo desta comunicação é analisar qual o contributo do cinema nesta propaganda de guerra e qual o papel dos Serviços Cinematográficos do Exército, em 1917, aquando da entrada oficial de Portugal na Primeira Grande Guerra.

**Palavras-chave:** cinema, serviços cinematográficos do exército, corpo expedicionário português, Primeira Guerra Mundial, propaganda

*Abstract: The First World War (1914-1918) was a privileged stage to experience the power of advertising in the context of war. The different countries involved in the war soon realized the importance of advertising, using posters as a mean of justification for their involvement in the conflict, in the recruitment of soldiers and how to support the military campaign. Advertisement was a way to persuade people that war was essential, once it was a fight for freedom.*

*The purpose of this communication is to examine the cinema contribution at war advertising and the role of Motion Picture Service Army, in 1917, when Portugal joined the First World War.*

**Keywords:** cinema, motion picture service army, portuguese expeditionary team, First World War, advertisement

### Introdução

A presente comunicação, inserida no “II Encontro Cinema e Território. Um lugar de poder”, tem como objetivo analisar qual o contributo do cinema na propaganda de guerra em Portugal. Que papel desempenharam, os Serviços Cinematográficos do Exército, criados em 1917, aquando da entrada oficial de Portugal na Primeira Grande Guerra? De que modo o cinematógrafo contribuiu (ou não) para manter informada a população portuguesa relativamente ao Conflito?

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e Ciências Sociais pela Universidade do Minho (1989/1994). Mestre em Arte e Património pela Universidade da Madeira (2006/2008) com apresentação da dissertação *Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira – Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930*. Membro colaborador do CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (UMa).

O texto apresenta-se dividido em três breves abordagens: 1. A presença portuguesa na Grande Guerra; 2. Propaganda de guerra; 3. O cinema português durante a Primeira Guerra Mundial. Foram, igualmente, alvo de análise os filmes *Partida do Regimento 19 de Chaves para Lisboa e embarque para Angola* (1914); *Expedicionários em Campanhã* (1917); *Participação de Portugal na Guerra – regresso do Presidente da República da sua viagem ao “front” português* (1917); e *As homenagens aos Soldados Desconhecidos* (1921).

As principais dificuldades prenderam-se com a escassez de estudos e fontes. A não disponibilidade de filmes em linha, que, embora seja compreensível dada a fragilidade da fonte, não se justifica num momento tecnológico como o atual, também foi um grande obstáculo. Esperamos que a proximidade do centenário do início da Grande Guerra se torne uma conjuntura favorável à elaboração de estudos, bem como divulgação de fontes escritas e de imagem.

## 1. A presença portuguesa na Grande Guerra

No dia 5 de agosto de 1914, a Europa entrava em Guerra. Desde o início, sem declarar guerra à Alemanha, Portugal confirmou a aliança com a Inglaterra. A primeira solicitação estrangeira, com fim militar, feita a Portugal veio da França. Os ingleses apoiaram este pedido e, em outubro de 1914, o *Foreign Office* convidou Portugal a fazer parte dos Aliados. Ainda em 1914, Portugal organizou e enviou um exército para o continente africano com o intuito de defender as colónias cobiçadas pela Alemanha. Desta forma, numa primeira etapa, as tropas portuguesas combateram em África, e não na Europa.

A 23 de fevereiro de 1916, o governo português ordenou a apreensão dos navios alemães no porto de Lisboa. Na sequência deste episódio, no dia 9 de março, a Alemanha declara guerra ao nosso país. Nesse mesmo mês, com António José de Almeida na chefia do governo e Afonso Costa nas finanças, o governo tem como prioridade a organização do Corpo Expedicionário.

O primeiro Corpo Expedicionário partiu a 26 de janeiro de 1917 para a Flandres. Aí o CEP perdeu muitos homens devido aos bombardeamentos alemães, ao confronto homem a homem, à utilização de gases venenosos por parte do inimigo e à permanência prolongada das tropas em combate, uma vez que Sidónio Pais recusou substituí-las.

Com a entrada de Portugal na Guerra, as consequências fizeram-se sentir na Madeira. O Funchal foi bombardeado duas vezes pelas tropas alemãs, a 3 de dezembro de 1916 e 12 de dezembro de 1917, provocando destruição e oito mortos. A população, em pânico, fugiu para os subúrbios, designadamente para o Monte, S. Roque, S. Martinho, Santo António e para Caminho do Palheiro, abrigando-se nas residências de familiares e amigos. Os restaurantes e estabelecimentos comerciais fecharam, a circulação automóvel parou quase completamente e, como se pode ler no *Diário de Notícias* de 5 de dezembro de 1916: « *O silencio das ruas só era interrompido pelas patrulhas de soldados de infantaria n.º 27 e guardas cívicos, fazendo o policiamento.* »<sup>2</sup>.

O crescente número de mortos tornou a Guerra cada vez mais impopular. O aumento do custo de vida, a escassez de bens alimentícios e o aumento do desemprego fizeram despoletar violentas reações sociais, como greves e assaltos. As oposições à Guerra misturavam-se com divergências políticas. A « [...] *entrada na Grande Guerra não tinha constituído um elemento agregador nacional como se pensara* » (Carita 2013: 196) e a oposição ao governo era acrescida, também, pela influência monárquica e clerical. À

<sup>2</sup> *Diário de Notícias*, ano XLI, N.º 12838, Terça-feira, 5 de Dezembro de 1916, p. 1 (Almeida, 2010: 13).

semelhança do resto do país, « *O Funchal vai ser igualmente palco para o aparecimento de novas correntes de opinião [...].* » (Carita, *op. cit.*: 196)

Na Flandres, o Corpo Expedicionário era aniquilado. No dia 10 de abril de 1918, quando a 2.ª Divisão do CEP se retirava do campo de batalha para ser substituída, sofreu um bombardeamento do exército alemão, ficando quase extinta. Era o princípio do fim da Guerra para os portugueses. Este CEP retirou-se para a retaguarda dos Aliados, tendo alguns efetivos integrado o exército inglês e outros foram utilizados como mão-de-obra para abrir trincheiras, desmoralizando cada vez mais os soldados portugueses.

Desta Guerra resultaram 38 012 baixas<sup>3</sup> – entre mortos, feridos e desaparecidos – ou seja, 36% dos mobilizados e uma crise económico-financeira de amplitude sem precedentes, que haveria de abrir a porta a uma ditadura de 48 anos.

## 2. Propaganda de guerra

Na primeira metade do século XX, em termos mundiais, vários governos utilizaram os meios de comunicação, a educação e a produção cultural como instrumentos de propaganda para difundir a ideologia, conquistar o apoio das massas ao poder instaurado e justificar o envolvimento no Conflito.

Enquanto a propaganda comercial é essencialmente emocional, a propaganda política é preferencialmente intelectual, tem uma mensagem tendenciosa e vaga, a linguagem é ambígua, aponta para uma mudança de atitudes e alteração da vontade consciente. A propaganda política baseia-se, sem restrições, no engano e no constrangimento.

Como meio de comunicação privilegiado, o cinema foi utilizado para fins políticos inicialmente pelos norte-americanos em 1898, durante a Guerra Hispano-americana, e logo depois pelos ingleses, em 1901, durante a Guerra dos Bôeres (1899-1902), mas foi somente a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que os líderes políticos descobriram a grande influência que este meio de comunicação exercia sobre as massas e não tardaram em utilizá-lo como arma de propaganda política, enquanto os seus respetivos governos criavam departamentos de censura e leis que regulamentavam a produção, distribuição e exibição cinematográfica (Pereira, 2005: 2) O cinema era a arma mais poderosa para convencer um povo em guerra acerca daqueles princípios indiscutíveis que tornam inevitável a vitória e que permanecem sintetizados na absoluta superioridade técnica e moral sobre o inimigo.

Na Primeira Guerra Mundial começou a utilizar-se o cinema como suporte do esforço bélico, todavia, de forma bastante limitada e ingénuo. Embora a sétima arte começasse a desenvolver-se, ainda não gozava da confiança dos poderes políticos e militares e não detinha o atrativo irresistível em relação à grande parcela da população, como ocorrerá alguns anos mais tarde. As fitas de propaganda que circularam no período da Grande Guerra eram poucas e de origem quase exclusivamente norteamericanas. Isto deve-se, basicamente, ao elevado nível industrial que o cinema dos EUA havia alcançado e a sua grande capacidade de "seduzir" o público. Como os Estados Unidos entraram muito tarde neste Conflito, percebemos que os primeiros filmes dedicados à Guerra possuíam uma curiosa mensagem pacifista: o exemplo mais conhecido é a produção de Thomas H. Ince, *Civilization* (1916), que poderia ser considerada como um apoio tácito à candidatura isolada de Woodrow Wilson (Espanha).

---

<sup>3</sup> O número de vítimas portuguesas nesta Guerra é muito controverso. O número apresentado (38 012 baixas) é uma informação do Arquivo Histórico Militar (Garrido, 2012).

Porém, Griffith<sup>4</sup> foi o único cineasta americano que recebeu autorização para filmar na frente de guerra, com a finalidade de captar imagens destinadas à realização de um filme de propaganda para os aliados (Virilio, 1993: 24). Desde então, a temática da guerra parece ter-se tornado um consistente ingrediente do cinema.

### 3. O cinema português durante a Primeira Guerra Mundial

O projeto europeu *European Film Gateway 1914*, com o objetivo de comemorar o centenário do início da Primeira Guerra Mundial, digitalizou desde fevereiro de 2012 mais de 650 horas de filmes históricos sobre este Conflito e disponibilizou o material gratuitamente na internet. Tendo como parceira a Cinemateca Portuguesa, a iniciativa conta com a cooperação de 26 parceiros de 15 países e já digitalizou quase 1500 cinejornais, documentários, animações e filmes de longa-metragem, além de 5600 documentos relacionados a produções cinematográficas sobre a Grande Guerra.

Nesta época destaca-se a *Invicta Film*, fundada em 1910, responsável pela produção de panorâmicas e documentários, que foram exibidos em Portugal e internacionalmente, especialmente em França. Entre outros destacam-se documentários como: *Exercícios de Artilharia*, de 1914; *Expedição Militar a Angola*, de 1915; *Manobras Navais Portuguesas*, de 1916; *Grandes Manobras de Tancos*, de 1916; *Expedicionários em Campanhã*, de 1917 ou outros documentários sobre exercícios de preparação do exército português.

Em 1917 assistiu-se à criação dos Serviços Cinematográficos do Exército, durante a presidência de Sidónio Pais, destinados a documentar o esforço português no teatro de guerra europeu. Mas, como os Aliados exerceram um controlo muito apertado sobre o acesso das equipas de filmagem à linha da frente, os filmes sobre o CEP e sobre as visitas oficiais às tropas portuguesas acabaram por ser realizados pelos serviços cinematográficos ingleses e franceses. Por esse motivo, a produção dos SCE limitou-se aos preparativos do CEP em Tancos e aos embarques para a Europa e África. Dadas as limitações, os SCE filmaram abundantemente os principais atos oficiais do regime, em particular os da presidência de Sidónio Pais, que era particularmente sensível à eficácia do cinema como meio de comunicação de massas. (Baptista, 2010: 5)

Os SCE também se dedicavam à exibição cinematográfica, com os objetivos de distrair as tropas regressadas da frente e motivar as principais guarnições militares das cidades portuguesas com filmes sobre guerra de produção estrangeira. Paralelamente, em cenário de guerra, entre as várias ações de diversão, fruídas individualmente ou em grupo, e que satisfaziam a necessidade urgente de evasão da realidade de guerra aos expedicionários portugueses, estava o cinema. As sessões de cinematógrafo realizadas nas povoações ou na Base portuguesa, por iniciativa de entidades civis e militares, possibilitavam aos expedicionários, muitas vezes pela primeira vez, ver filmes dramáticos, cómicos e de propaganda militar, como o desembarque do primeiro contingente do CEP em Brest, ao som de um gramofone. Como escreveu Pedro de Freitas, soldado português destacado na Flandres:

[*Em Saint Pol*] Como campo de distração espiritual de toda a árdua labuta diurna, o belo animatógrafo é o centro de reunião, onde toda a gente, sem preconceitos

<sup>4</sup> Griffith filmou as cenas de batalha de *Nascimento de uma Nação* (1915) quase em simultâneo com o irromper, na Europa, da Primeira Guerra Mundial.

*sociais, gosa as peripécias desenroladas nas fitas, ao som de um já estafado gramofone.* (Marques, 2008: 233)

Da observação aturada dos jornais locais da época em análise, além de várias referências a cine-jornais, encontramos apenas uma alusão a filme exibido na Madeira. O *Pavilhão Paris*<sup>5</sup> exibiu, a 29 de Junho de 1918, a fita *Tropas Portuguezas no Front*, « [...] que, no género, é uma das mais interessantes e nítidas, que temos visto. »<sup>6</sup> (Almeida, 2010: 51). Não descobrimos este filme, tratar-se-á, possivelmente, de uma produção estrangeira.

Da breve pesquisa efetuada encontrámos, no sítio da internet da Cinemateca Portuguesa, os seguintes filmes:

- *Partida do Regimento 19 de Chaves para Lisboa e embarque para Angola*, 1914. Documentário. Duração: 4:43 minutos. Formato 35 mm.

Em meados de agosto de 1914, Portugal organizou uma expedição militar a Angola e Moçambique e que foi enviada a 11 de setembro em consequência da incursão alemã ao norte de Moçambique.

No final do ano, o país estava em guerra não declarada com a Alemanha no sul de Angola e norte de Moçambique. As colónias foram mantidas, mas à custa de 7 mil mortos (maioritariamente analfabetos que desconheciam a razão por que lutavam); só em Moçambique pereceram 4811 soldados<sup>7</sup>.

O envio de tropas para Angola ficou registado num pequeno filme de 1914. Nesta curta película pode ver-se o desfile do exército, em Chaves, acompanhado por civis. O filme formado por dois planos fixos, não tem título nem intertítulos<sup>8</sup>.

- *Expedicionários em Campanhã*, 1917. Produção da “Invicta Film”. Documentário, estando apenas disponíveis fotogramas.

- *Participação de Portugal na Guerra – regresso do Presidente da República da sua viagem ao “front” português*, 1917. Produção Serviços Cinematográficos do Exército. Documentário. Duração: 4:33 minutos. Formato 35 mm.

Bernardino Machado, acompanhado de Afonso Costa e Augusto Soares (Ministro dos Negócios Estrangeiros), partiu de Lisboa no dia 8 de outubro de 1917, por via férrea, para França, com o objetivo de visitar as tropas portuguesas na frente de batalha. Após visita às tropas, várias reuniões (com o estado-maior do CEP e demais generais portugueses, com os altos comandos ingleses) e diversas visitas (ao quartel-general do CEP, à escola de esgrima de baioneta e de granadeiros, escola de metralhadoras, ao Hospital de Sangue e a Ambulâncias), o Presidente da República deslocou-se para Paris para seguir em direção a St. Omer onde embarcou para Londres para concluir a sua viagem presidencial. Esta visita « [...] dignificava Portugal e as tropas portuguesas. Melhor, dignificava a República Portuguesa enquanto regime recentemente implantado! » (Fraga, 2010: 369)

Desta visita resultou um pequeno filme da chegada a Lisboa do Presidente da República, onde é visível a estação do Rossio e a passagem do cortejo na praça D. Pedro.

<sup>5</sup> Situado na rua João Távira, a norte do hospital da Santa Casa da Misericórdia, foi inaugurado em outubro de 1909. Era uma das salas mais procuradas da cidade e uma das que teve uma vida mais longa, juntamente com o Teatro-Circo.

<sup>6</sup> *Trabalho e União*, ano XI, N.º 543, Sábado, 29 de Junho de 1918, p. 4.

<sup>7</sup> O número apresentado (4811 baixas) é uma informação do Arquivo Histórico Militar (Garrido, 2012). <sup>8</sup> <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=4979&type=Video>

O filme, com título *Participação de Portugal na Guerra – Regresso do Presidente da Republica da sua viagem ao “front” portuguez* e intertítulo *A passagem do cortejo na praça de D. Pedro*, é composto por dois planos fixos<sup>8</sup>. - *As homenagens aos Soldados Desconhecidos*, 1921. Documentário. Realização: Artur Costa de Macedo (1894-1966); Produtor executivo: Alfredo Nunes de Matos; Produção: “Invicta Film”. Duração: 39:48 minutos. Formato: 35 mm.

A tradição moderna desta prática foi iniciada no Reino Unido quando, terminada a Primeira Guerra Mundial, foi o primeiro país a enterrar um combatente desconhecido em nome de todos os exércitos do Império britânico, na Abadia de Westminster em 1920. Este exemplo foi seguido por outras Nações. Em Portugal, o túmulo do Soldado Desconhecido está no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

A cerimónia de homenagem, realizada em 1921, bem como a deslocação para o Mosteiro da Batalha dos dois Soldados Desconhecidos, vindos da Flandres e da África Portuguesa, representando os mortos das expedições enviadas aos referidos cenários de guerra ficaram registadas no filme apresentado.

O filme divide-se em duas partes e tem título e intertítulos. Conforme informação da Cinemateca, constante na película, foram acrescentados quatro novos intertítulos de modo a permitir uma melhor compreensão da sequência temporal dos factos registados. Durante muito tempo, este filme foi referenciado pelo texto do seu primeiro intertítulo:

« Uma Cerimonia Patriotica. A Trasladação do “Soldado Anonimo” Portuguez », que, juntamente com o uso de expressões como « *Viva Portugal !* » e « [...] *restos mortaes d’um soldado desconhecido, do valente C.E.P.* », pode anunciar um filme de propaganda.

Com algum pormenor pode ver-se o embarque do Soldado Desconhecido a partir de Havre, no dia 12 de março de 1921, a chegada a Lisboa, a 7 de abril, e a cerimónia na Batalha, a 10 de abril. Os intertítulos são bastante completos, permitindo conhecer as personalidades presentes, os trajetos realizados durante estes dias e alguns aspetos gerais das localidades envolvidas neste processo<sup>9</sup>.

### Bibliografia de referência

- Almeida, A. P. T. de. (2010). *Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira. Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930*, Coleção Teses, n.º 6, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico. [Publicação em CD-Rom].
- Carita, R. (2013). *História do Funchal*. Funchal, Associação Académica da Universidade da Madeira.
- Fraga, L. A. De (2010). *Do Intervencionismo ao Sidonismo. Os dois segmentos da política de guerra na 1.ª República: 1916 – 1918*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Marques, H. P. (2008). *Das Trincheiras, Com Saudade. A Vida Quotidiana dos Militares Portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa, Esfera dos Livros. Virilio, P. (1993). *Guerra e cinema*. São Paulo, Página Aberta.

### Webgrafia

- Baptista, T. (2010). Cinema e política na Primeira República. I República e Republicanos. Congresso Histórico Internacional. Disponível em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/5429/1/Cinema%20e%20pol%C3%ADtica%20na%20Primeira%20Rep%C3%ABlica.pdf> [4 de março de 2014]

<sup>8</sup> <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2121&type=Video>

<sup>9</sup> <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2747&type=Video>

- De España, R. Cinema, Guerra e Propaganda. *O Olho da História*, n.º 3. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3rafael.html> [13 de janeiro de 2014]
- European film gateway. Disponível em <http://www.europeanfilmgateway.eu/ptpt/content/sobre-o-european-film-gateway> [4 de março de 2014]
- Garido, M. J. (2012). *A história da participação portuguesa na Primeira Guerra*. Tvi24. Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/aa---videos---sociedade/primeiraguerra-exercito-tvi24/1405003-5795.html> [4 de março de 2014]
- Pereira, W. P. (2005). O poder das imagens: cinema e propaganda política nos governos de Hitler e Roosevelt (1933-1945). ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1602.pdf> [2 de março de 2014]
- Propaganda de Guerra. 2013. Disponível em [http://www.momentosdehistoria.com/MH\\_06\\_01\\_Patriotismo.htm](http://www.momentosdehistoria.com/MH_06_01_Patriotismo.htm) [13 de janeiro de 2014]

### Filmes

- As homenagens aos Soldados Desconhecidos*, 1921. Cinemateca Digital. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2747&type=Video> [26 de maio de 2014].
- Expedicionários em Campanhã*, 1917. Cinemateca Digital. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Outras-Paginas/Pesquisa.aspx?searchtext=expedicion%C3%A1rios+em+campanh%C3%A3&searchmode=anyword> [6 de abril de 2014]
- Participação de Portugal na Guerra – regresso do Presidente da República da sua viagem ao “front” português*, 1917. Cinemateca Digital. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2121&type=Video> [6 de abril de 2014]
- Partida do Regimento 19 de Chaves para Lisboa e embarque para Angola*, 1914. Cinemateca Digital. Disponível em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=4979&type=Video> [6 de abril de 2014]